1932
ANEIRO, 2 de JANEIRO 1932
NÚM. 681

Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos áccessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.

Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada *Tosse dos Velhos* e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.

KOHOUT NEWYORK

POR EXEMPLO

A palestra de uma mulher que se ama assemelha-se a um sol cobrindo uma agua occulta e perigosa; sente-se a todo momento atravez das palavras a presença, o frio penetrante de lençól invisivel; percebe-se cá e lá a sua destillação perfida, emquanto que ella propria fica escondida. — MARCEL PROUST.

Dormir... é a fórma interina de morrer... — MACHADO DE ASSIS.

O amor enriquece o pobre e as exigencias transformam um rei em mendigo. O amor é a palavra que abre as portas do céo, a palavra que Deus revela ao errante que chega ao termo da sua viagem — MARIA DA RUMANIA.

:: Os clichés de ::
"Para todos..."
:: são feitos nas ::
officinas de "Vida Nova", pelo gravador
OSCAR
Avenida Gomes Freire, 138 e 140
Telephone: 2-2437

Destróe, destróe, destróe. Destróe em ti mesmo, destróe em torno de ti. Faze espaço para a tua alma e para as outras almas. Destróe, pois toda a creação vem da destruição. E' pela belleza superior é preciso annotar a belleza inferior. E assim o novo bem parece saturado de mal. E para imaginar uma nova arte é preciso destroçar a arte antiga. E assim a nova arte parece uma especie de iconoclasta. Pois toda construcção é feita de pedaços e, neste mundo só as fórmas são novas. — MARCEL SCHWOB.

E' preferivel disperdiçar a mocidade do que nada realisar. — GEORGES COURTELINE.

Para se ter dentes bonitos, basta usar liquido "Odol" com "Odol" pasta.

O *liquido Odol* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e deste modo combate a causa da carie.

A *pasta „Odol"* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

vergeis e das suas fontes, fazer longas paradas, de tal maneira estava exgotado.

Mas, desde que a vida lhe fora devolvida por milagre, elle comprehendia que uma vontade soberana exigia que caminhasse sempre. E como, lentamente, a estrella se erguia, elle pensava que, sem duvida, se approximava do fim e a esperança o enchia de alegria.

Entretanto o aspecto das paizagens mudava. Os caminhos subiam constantemente e agora elle via o sol se esconder, atraz de um cáos de montanhas cuja massa terrivel parecia marcar os limites da terra. Indagava de si mesmo, se essa viagem não seria o sonho de um louco, quando attingiu o logar occupado por um mercado grande como uma provincia. Era como um mar interno onde se lançavam rios de homens sahidos dos quatro pontos cardeaes. O numero e a diversidde das riquezas era tal que elle se sentiu tentado de trocar os presentes que levava e voltar carregado de thesouros desconhecidos; mas repelliu esse pensamento e, perguntando onde ficava a estrada que conduzia ao Oeste, partiu resoluto.

Era uma estrada, abrupta, tortuosa, que passava junto de abysmos, sob cataractas, penetrava em grotas cheias de vampiros e levava a embocaduras onde comboios inteiros eram carregados pelo vento.

Ousou seguir contra tudo, mas os suores de sangue e as vertigens enfraqueceram-no tanto que pensou, vendo a planice verdejante sob as nuvens, morrer antes de pisar a doçura do seu tapete.

Entretanto, retomando coragem, desceu lentamente, durante varias estações, de planalto em planalto, de desfiladeiro em desfiladeiro, até á margem de um mar novo.

Mas a estrella, então muito alta, ficava ainda além. Acompanhando a costa, encontrou uma passagem atravez de outras montanhas, outros desertos, outras cidades e outros rios. Emfim, uma noite chegou ao logar onde a estrella parecia suspensa sobre a sua cabeça.

Comprehendeu que estava no ponto desejado. Velou toda a noite, victima de uma grande commoção. Quando o dia se ergueu, avistou, acima de um vale coberto de tumulos, uma cidade, tambem branca como um sepulchro. As casas, sob a luz avermelhada da aurora, pareciam as petalas de uma rosa que usasse, no seu seio, um templo de ouro, como uma abelha.

Não duvidando que fosse o templo do deus que elle buscava, arremeçou-se, com o coração transbordante de alegria, de impaciencia e de temor. Mas apenas attingia as muralhas pensou morrer envolto nas ondas de uma multidão delirante de curiosidade. E, assim que entrou nas ruelas, uma gaiola humana o aprisionou. Depois, dos terraços, um formigamento de corpos e de rostos surgiu num ruido confuso, com miados de mulheres, vaias de crianças, rugidos de homens. Um clamor horrivel. Essa massa de farrapos e de carnes, como uma chaga que se fecha, approximando pouco a pouco os tecidos, o recalcava. E, dentro de pouco, sob uma chuva de pedras, foi atirado fóra dos muros.

Mas, lá um menino o olhou com doçura, mostrando-lhe o campo. E elle se deixou conduzir, afastando-se de Jerusalém.

Atravessaram uma região que se assemelhava a um sorriso. Tudo era paz e luz, as colinas diaphanas, os vales floridos, as vinhas povoadas de rolas, as oliveiras livres e as aldeias cochilando ao mugido dos rebanhos. O menino seguia sempre, levando o rei pela mão.

Chegaram junto de um lago cujas aguas eram calmas como os olhos de uma virgem em prece.

Viam-se numa praia, algumas barcas encalhadas. Numa, um homem assentado diante de um grupo de pescadores, e toda a sua pessoa irradiava tamanha magestade que o rei vermelho dirigiu-se a elle crente de que se tratava de outro rei.

Aquelle homem, no emtanto, era tambem um pescador, de mãos grosseiras, rosto queimado pelo sol. Mas apenas ouviu a saudação do estrangeiro, respondeu-lhe na mesma lingua. E, comprehendendo o espanto do rei vermelho, disse-lhe: — Fale, irmão. Deus deu-me o conhecimento de todas as linguas do universo.

— O teu Deus será o annunciado pela estrella?

— Esse mesmo.

— Conduza-me até junto delle! exclamou Motocapac.

Mas o apostolo sorriu e disse levantando a mão:

— Durante trinta e tres annos, elle viveu entre nós.

Depois deixou-nos para subir ao céo e se sentar á direita de seu Pae.

Então uma colera subita, infantil, selvagem invadiu como uma tempes-

Para todos...

Directores

Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas

1 anno — 48$000

6 mezes — 25$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.º

End. telegr.: "Paratodos"

Telephone: 2-9654

tade a alma despedaçada de Motocapac e transbordou-lhe pela bocca em palavras desordenadas. Evocava a caminhada, os perigos, os soffrimentos, os desertos de gelo ou de fogo, as tempestades, a fome, a peste, a morte, o oceano, a frota de cascas de tartaruga e, na profundeza dos annos e do espaço, o seu reino perdido, o seu reino tão longinquo que a imagem vacillava na obscuridade da sua memoria. E, torcendo com os dedos crispados as longas tranças de cabello, mordia-as de raiva, porque viu-as brancas e não era mais do que um velho.

— Paz no teu coração! disse o apostolo. Tres reis magos, outrora, vieram como tu trazer presentes ao divino Menino, mas se tiveram a felicidade de vel-o, foram entretanto menos felizes do que tu, pois partiram sem conhecer a sua lei.

O rei olhou severamente e disse:

— Qual é essa lei?

— Amal-o e nos amarmos uns aos outros.

Os dois homens se calaram.

E, emquanto o pescador olhava atravez das espheras da luz, como que seguindo um rasto, o viajante pensava nos judeus que o haviam apedrejado, nos Huns que o haviam suppliciado, nos piratas que por toda parte o haviam atacado, no imperador da China que, embora todas as gentilezas, o havia aprisionado e o teria mandado matar pelos guardas. Revia tambem as guerras do seu paiz e as victimas humanas rolando pelos degraus dos templos.

As palavras que acabara de ouvir prolongavam-se nelle em musica, como as vibrações aereas, e imaginava ver uma primavera germinar no aspero deserto onde se despedaçavam mutuamente os homens.

"Essas palavras, pensava elle, são mais prodigiosas do que o proprio nascimento da estrella.

Estou mais maravilhado do que com a minha propria ressurreição".

E, como o apostolo abria os braços, elle recebeu o abraço, dizendo:

— O teu Deus é o meu.

Acampou á margem do lago. Uma paz mais doce do que a noite banhava a sua alma. Parecia-lhe, então, que a viagem fôra curta.

Viera a noite. Elle examinava a aboboda arroxeada, admirado de não ver despontar, entre as flores de fogo, que se entre-abriam uma a uma o seu astro familiar.

Mas, de repente, percebeu, em cima de uma nuvem franjada de um vapor claro, qualquer coisa que elle tomou pela lua. Em seguida, duas longas azas palpitaram no ether. Por fim, a nuvem inteira tornou-se uma neve brilhante, estirou-se, tomou uma fórma humana, e um anjo appareceu, immenso, deslumbrante, cuja voz rolava sobre o mundo os écos do seu trovejar.

Então o rei, de rosto na terra, ouviu a voz ordenar-lhe para guardar o seu presente até o dia em que voltasse Aquelle para quem fôra destinado.

E foi por isso que Motocapac não morreu. Poz-se a caminho, buscando as montanhas, com a esperança ingenua de se approximar do céo. E assim reviu elevações da Asia e os planaltos do Pamir; depois, subindo sempre, chegou ao Himalaya. Um dia, uma grande tempestade, envolveu-o com o sequito e carregou-os, como uma folha, para inaccessiveis cumes.

Nelles a terra parecia não soffrer da antiga maldição; as arvores eram sempre verdes, as flores sempre desabrochadas e todos os animaes viviam fraternalmente.

Motocapac edificou então, uma cidade suspensa, sobre os abysmos. E é lá, contaram-me, que, semelhante á aguia que paira diante do disco solar, guardião do seu thesouro de côres e de cantos, elle espera o fim do mundo.

Vamos parar?

Mario Nunes

O que está desmoralisando o theatro, de mais em mais, são as aventuras loucas da hora de desespero. A afflicção mata o raciocinio, e todos os dias fazem-se tentativas que não podem vingar, cujo fracasso de antemão prevêem os que nellas não se envolvem.

Está sendo fertil em taes desmandos este fim de anno. Dinheiro — dinheiro dos outros, é claro — vem se queimando em emprehendimentos cujo successo é mais do que precario. A duração ephemera de qualquer negocio theatral não significa pequenos gastos de modo que, quando a empresa, ou o empresario, confessa que não póde ir além, ha uma verdadeira multidão de lesados, e a grita é ensurdecedora.

O capital é por via de regra irrisorio em relação ao vulto do negocio. Sonham todos com a renda da bilheteria pelo menos na primeira semana, ou nos primeiros tres dias — os espectaculos inauguraes são sempre ás sextas-feiras... — mas o publico anda tão desilludido ou desinteressado, ou talvez, tão sem dinheiro, que não vae nem na primeira noite. Os artistas entreolham-se, então, desconfiados, e lançam mão do recurso do vale, modo de experimentar a fortaleza do empresario. Deante do fracasso patente ha dois casos a considerar; 1º, o empresario não tem dinheiro e não dispõe de credito, repelle o vale, portanto; 2º, o empresario tem dinheiro ou póde recorrer ao credito, mas desejando restringir o prejuizo ao minimo e nada lhe acontecendo por não pagar, repelle, tambem, o **vale**...

Nesse mesmo dia, ou nos seguintes, estouram o negocio e o escandalo. O emprésario allega que perdeu uma fortuna — cincoenta contos quando perdeu cinco. O artista grita que foi illudido na sua boa fé por um ladrão! E o burguez, pacificamente conclúe com a maior displicencia e ares de superioridade:

— Gente e cousas de theatro...

Não era melhor parar?

Tentar, o que, mais? Não dá a revista, não dá a opereta, não dá a comedia, não dá o drama. Nem mesmo os **tiros** dão mais!

Parava-se. Parava-se de todo, totalmente. E o Rio de Janeiro, a mais bella cidade do mundo, liberta dessa miseria que por ahi anda sendo explorada com o nome de theatro, poderia proclamar, **urbi et orbe**, que era a unica grande capital que não possue theatro...

E talvez viessem dos outros paizes, incrementando o turismo, muitas pessoas curiosas apreciar o phenomeno...

Berta Singerman e sua filhinha Myrian. A grande artista da declamação, de viagem para a Europa, vae parar uns dias aqui e o Rio terá o grande prazer de ouvir de novo a vóz maravilhosa.

O nome delle era Jorge de Paiva Meira. Parece que não dava sorte. Elle mudou. Chama-se agora Jorge Livert e está agradando muito na Troupe Mosaicos, do Theatro Rialto. E' bailarino.

C a s a s d e c a m p o

Vestibulo em estylo rustico antigo

Recanto de vivenda para o inverno

Pateo interno em estylo hespanhol — colonial

Recanto de vivenda para o verão

Cinema

A REVISTA "Pour Vous" teve a idéa de interrogar algumas personalidades estranhas ao mundo cinematographico sobre o que pensavam delle. Foi esta a resposta do compositor Maurice Ravel: "Gosto do cinema. Mas que pena que o cinema fale, e sobretudo fale tão mechanicamente! Já que pede a minha opinião sobre a besteira actual das historias, deixe-me confiar-lhe que detesto os films cantados, isso que chamam de films-opereta. Sim, é esse genero de films que justamente é de bobagens, de mexericos, de ingenuidades. Naturalmente, reprovo taes embustes. Naturalmente, na vida, não se dansa a cada instante, e não se casa com um principe reinante. Gosto da opereta, mas no theatro, no cinema não. A ficção, é admissivel em scena, mas não na tela. Entretanto, o realismo cinematographico pode tambem ser perigoso. Todavia, si o cinema quer se tornar uma arte, deve se afastar o mais possivel do realismo. Em litteratura, em musica, em pintura, um artista, um espirito superior tem forçosamente que mascarar a realidade. Sim, a arte é a mais admiravel mentira. Uma estylisação da vida é necessaria. Mas dahi a nos apresentarmos tocados pelos beneficios divinos, herdeiros de milhões, felizes na vida, e que o amor cumula de graças... Não! E' uma idealisação um pouco simplista de mais, e uma mentira sem arte. Perguntam-me si se deve fazer a educação do publico? De certo. Elle me parece bem embrutecido com a quantidade de inepcias que lhe apresentam hebdomadariamente. E não me parece que tentem melhorar o nivel das historias; ao contrario.

Em todo caso, para o presente e o futuro da arte cinematographica, a opinião do grosso publico tem mais ou menos importancia. Na minha opinião não tem mesmo nenhuma. Grandes artistas como foram Rimbaud, Bossuet, não escreveram para as multidões."

O philosopho Léon Brunschwig, acha que se dá "pouco valor ao gosto e á sensibilidade do publico. Conservamos os habitos dos fabricantes de fitas de outr'ora. O publico não teme a realidade, e estou certo de que a preferirá ao artificio das conclusões optimistas; elle gosta de se pôr em contacto com as realidades naturaes e moraes: exemplo o successo, que devemos encorajar de todos os films documentarios.

Não, a minha opinião é clara: os productores de films estão errados."

Joan Crawford e Douglas Fairbanks Junior

A VIDA popular new-yorkina, com a mistura de multidões irlandezas, italianas, suecas, judias, vista de um canto de rua sordida: é o assumpto de "Scena de rua", film falado, realisado por King Vidor e tirado da peça de Elmer Rice. Duas intrigas amorosas e um crime crapuloso são o thema romanesco, tão attrahente, quanto o reboliço da população dos "bas-fonds", as suas tristes alegrias e o pesado fardo da luta quotidiana.

OUTRA ESTATUA 2 VEZES MAIOR

REPORTA...
CARLOS LA...
E CORREIA...

Aspectos d... Corc...
com as dua... estatu...
assignalada, a ja...
de onde foi ... a
sacional d... coberta
Dr. Raul ...rgalle...
sua vara... . A'
querda a...elle
não é o I...io da
videncia: ... de C...
L...da.

Os indios sumiram todos como no theatro. Os conquistadores encommendaram negros para trabalhar por elles e foram inventar uma gente misturada, deliciosa.

✣ ✣ ✣

Mas nem todos os indios estão amarrados por esses "desbravadores dos inhospitos sertões brasileiros" que costumam exhibil-os numa barraca de campanha.

Ali no Corcovado ficou o ultimo indio. O ultimo daquella raça que não se domesticou. Daquella gente que não se curvou. Por independencia ou por preguiça.

No Corcovado, que tem sido a victima de tantos sonetos, está um indio. Palavra de honra. Um indio orgulhoso, magro, encostado na rocha como aquelle cidadão da mythologia que soffria do figado. O indio é muito maior que os seus collegas. Tres vezes maior que o monumento do Christo. Maior ainda que o Sr. Paulo Hasslocher. O indio está nú. Mas não vale a pena se escandalizarem. Elle tem uma tanga. Do Corcovado elle domina a matta onde os conquistadores não tiveram tempo de entrar.

Ha quanto tempo elle estará ali, de perfil para a lagôa Rodrigo de Freitas? Nem vale a pena calcular. Com certeza nasceu com o Corcovado. E' uma estatua de Tupan atirada na pedra, desafiando a ventania, sustentando a montanha nas costas.

...A · NO · CORCOVADO
...Q · A · DE · CHRISTO

...RTAGEM · DE
...S · LACERDA
...REIA · DIAS

... Corcovado
...uas estatuas e.
...da, a janella
foi ... a sen-
...oberta. O
... rgallo na
... . A' es-
... elle dedo
... o da Pro-
... de Carlos
... da.

No dia em que nós fomos vel-o não houve nada de anormal. O pintor Leopoldo Gottuzo está mesmo desconfiado. Lá na Gavea, deante do indio, elle se convence. E admira Tupan.

Correia Dias está pintando junto de mim. O Corcovado vae ficando dois. Tupan ganhou um supplemento debaixo do pincél. Está olhando. Com um olhar que não conhece horizontes. Um olhar que não acaba mais. Profundo como se tivesse raizes dentro delle. Indescriptivel. Um olhar adivinhado na pedra que rasga as duas nuvens que vão passando.

✣ ✣ ✣

Tupan está posando para a machina. Depois para a téla. Elle está com vontade de ser immortal. Esteve calado tanto tempo. Agora desandou a falar, como o outro... E tambem como o outro forçado pelos jornalistas.

Ide vel-o. Escutal-o. Elle não diz nada. E' por isso que vale a pena de ser ouvido. E' uma maneira como outra qualquer da gente ouvir as vozes que vem do passado. Ouvindo um indio de pedra. E' como falar sózinho defronte do retrato a oleo de um bisavô.

✣ ✣ ✣

Tupan é enorme. Se elle se suicidasse esmagaria aquellas casas afflictas que se encostam umas nas outras para subir o Corcovado.

Mas elle prefere continuar a viver. Para presidir ás sessões do Congres-

Sabbado da outra semana, antes do almoço que um grupo de jornalistas offereceu a João Neves da Fontoura pela attitude do grande tribuno em pról da constitucionalisação do Brasil. Os ministros Oswaldo Aranha e Lindolpho Collor, o Sr. Baptista Luzardo, personalidades da politica e das letras adheriram a homenagem a João Neves da Fontoura. O almoço foi presidido pelo Sr. Mauricio Cardoso, Ministro da Justiça.

so das Montanhas, no dia em que as pedras falarem.

✣ ✣ ✣

Tupan domina a matta. Elle manda. Os grillos tocam a campainha para chamar os cachorros selvagens que policiam a brenha. As cobras devoram a bicharada miúda. Serviço de mata-mosquitos. E espalham boatos. Serviço de sem-trabalho. As onças mettem medo ás pacas. Serviço de muita gente que se julga bonita. Os macacos guincham no alto das arvores. Serviço de todos nós.

Tupan ali é o presidente discricionario. Manda e não pede. Pra que Constituinte? Isso era no tempo dos guerreiros da taba sagrada, e dos outros da tribu tupy.

✣ ✣ ✣

Talvez Tupan não fosse não seja Tupan. Assim, quasi nú, de braços levantados, naquella attitude protectora, elle é o Oxoce da macumba. Ali em cima de todas as mattas, elle é Oxoce, o "Caçador", que protege as florestas e os caminhos. Oxoce está ali em cima protegendo a matta da invasão branca e mostrando, nos caminhos do mar, a rota verdadeira. E' isso mesmo. Talvez elle seja o Oxoce da macumba, que equivale ao São Sebastião dos catholicos. O Oxoce que protege os caminhos e as mattas. São Sebastião que deu o nome á cidade.

✣ ✣ ✣

Mas vamos continuar com Tupan. De qualquer maneira elle é das tres raças. Tupan, do indio. São Sebastião, do branco. Oxoce, do negro. E agora já se póde tocar o hymno nacional. Os deuses são brasileiros.

✣ ✣ ✣

Correia Dias acabou de pintar o quadro que não me deixa mentir. Eu tirei as photographias que provam a existencia do indio na esquina do Corcovado. Quem duvidar que vá ver. Ou então inscreva-se no cordão dos Santhomés. Ainda por camaradagem indico o melhor logar para se ver Tupan. E' na rua Jardim Botanico, na altura da rua Getulio.

Getulio das Neves.

✣ ✣ ✣

O Dr. Raul Bergallo está se presenteando com uma casa de estylo nacional, construida pelo architecto Edgar Vianna. Estylo nacional quer dizer madeiras, ceramicas com motivos da ilha de Marajó, duzentos réis de colonial para o Sr. José Marianno Filho não fazer barulho e mais uma collecção de detalhes inéditos.

Pois foi o Dr. Raul Bergallo que nos informou da existencia do indio. Elle disse que costumava examinar as montanhas em volta e um dia descobriu o indio com a mesma emoção com que o Sr. Aloysio de Castro descobre uma rima.

O pedreiro, do outro lado do rateo, affirma, que mora na Gavea ha 25 annos e nunca ouviu falar no indio.

✣ ✣ ✣

Volta para a cidade, depois de um almoço amavel na casa do descobridor O chauffeur informa. Seu Orlando da garage foi quem descobriu o indio. (Faz de conta que a gente já conhece o "seu" Orlando da garage). Foi ha coisa de uns tres annos.

✣ ✣ ✣

Innocentemente, o Dr. Bergallo passa de descobridor a plagiario. De Pedro Alvares Cabral a Almirante Barroso. Aqui eu podia fazer umas reflexões muito profundas sobre a transitoriedade das glorias humanas. Mas não me atrevo a fazer concurrencia ao Sr. Tristão de Athayde. Muito menos ao Duque de Itararé. Além disso, só em escrever a palavra transitoriedade, a machina tremeu, tremeu e quedou silenciosa.

✣ ✣ ✣

O automovel passou em Botafogo. Tupan foi se desmanchando, foi entrando na pedra cinzenta como se entrasse na sua oca. Tupan não olhou mais. Ficou lá em cima, de perfil para a Gavea, como o monumento de uma raça massacrada que se petrificou para desafiar o tempo.

Tupan, meu amigo. Agora que você appareceu ahi em cima, de pés mergulhados na matta e braços ainda confundidos na pedra e já deixou subir mais um, eu posso te dar um conselho. Conselho de quem conhece mais de perto os habitos da tua raça, depois que ella se misturou com os conquistadores. Toma cuidado, Tupan, para a tua montanha não virar estatua de Floriano...

DANSA

A PINTURA, a esculptura e até a musica possuem já ha muito tempo os seus archivos e os seus museus. E' curioso que a dansa não tivesse até agora o seu centro. Essa lacuna acaba de ser preenchida com a creação dos Archivos Internacionaes da Dansa.

Paris, capital do movimento artistico, tem hoje um orgão de centralização que se occupa exclusivamente da dansa e que possue já collecções preciosissimas, como, por exemplo, a de Maré, composta de maquettes (Bonnard, Steinlen, etc....) Além disso será publicada uma revista trimestral, que mostrará a actividade nas differentes fórmas da dansa em todo o paiz.

Por outro lado, muitos concursos serão organizados pelos Archivos Internacionaes da Dansa. Para começar, Maré creou, em recordação dos Bailados Suecos, dois premios annuaes. O primeiro, de 3.000 francos, será para a melhor maquette, e o segundo, de 1.500 francos, para o melhor trajo para bailado. Esses dois premios serão reservados aos alumnos dos estabelecimentos de ensino artistico de Paris.

Os antigos alumnos de Jean Borlin, em honra á memoria do mestre, fundaram dois premios, de 3.000 e de 1.500 francos, destinados a encorajar os estreantes parisienses nas creações choreographicas e no trabalho. Além desses premios, outros doadores crearam o "Grande Premio Jean Borlin" de 25.000 e 10.000 francos, para um concurso annual e internacional de Choreographia que terá logar em Paris.

Aos Archivos Internacionaes da Dansa está reservado um futuro de grande desenvolvimento e de immenso prestigio.

Jean Borlin

Nº 58830
SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO
COMPANHIA NACIONAL PARA FAVORECER A ECONOMIA
SÉDE SOCIAL: RUA DO OUVIDOR - ESQ. QUITANDA - RIO DE JANEIRO
100:000$000
REEMBOLSO GARANTIDO
MENSALIDADE DE 200 MIL REIS
PAGAVEL DURANTE 23 ANNOS, OU ATÉ SER SORTEADO
A SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO assume, para com o portador
O PRESENTE TITULO É CON... VIGOR DESDE
Rio de Janeiro,
BANCO HYPOTHECARIO E AGRICOLA DO ESTADO DE MINAS GERAES
Rs
Nº 402605
Paguem por este cheque nessa praça ao Sr.
ou a sua ordem a quantia de
Varginha
Americo Olbanso Vieira
Cem contos
Novembro
ADQUIRINDO
TITULOS DE ECONOMIA
SALDADOS OU DE PAGAMENTO MENSAL
TEREIS AS SEGUINTES VANTAGENS:
1.º—Constituição de um capital para o futuro
2.º—Sorteios mensaes
3.º—Participação dos lucros da Companhia
4.º—Adiantamentos garantidos.
Prospectos, informações e acquisição de titulos na Séde Social
RUA DO OUVIDOR - Esq. Quitanda
EDIFICIO SUL AMERICA
OU COM OS INSPECTORES E AGENTES

NOSSA RAÇA

Alvaro Moreyra

O Brasil está ficando com uma raça que é um gôsto. Raça quér dizer mistura.

De tudo que se juntou para fazer a gente desta terra boa e bonita sahiu isto que eu sou, tu és, elle é e ella tambem.

Nem indio nem portuguez nem preto nem francez nem hollandez nem hespanhol nem italiano nem allemão nem russo nem syrio nem japonez.

O cock-tail de todos.

O melhor cock-tail do mundo.

O geito de preparar é o mesmo.

Mas o aspecto, o aroma, o sabor variam um boccado no norte, no sul, no centro, no este, no oeste.

Uns carregam mais numa coisa.

Outros carregam mais noutra coisa.

O resultado não muda: raça brasileira.

E até para que usar o nome estrangeiro cock-tail para chamal-a?

Pois não temos o nome nacional abrideira?

Raça brasileira: abrideira.

Rima e é verdade.

Nunca vi ninguem abrir tanto os braços...

NA CIDADE

MARTIM LUZ

NO mez de Natal do Brasil, onde Papae Noel substituiu as barbas de neve por outras mais novas, ruivas de sol, Didi Caillet enfeitou as livrarias com o seu livro bonito como um presente de festas.

Si Didi, que já foi titulada num concurso de belleza, fosse apenas a mais linda das nossas escriptoras, isto seria um grande motivo para receber louvores, numa terra em que a maior parte de nossas intellectuaes poderiam formar com facilidade um Exercito de Salvação.

Mas além disso, que já dispõe a gente a dizer bem, ha ainda "Taú".

E' o mais bonito livro do anno.

Todas as suas paginas têm belleza. E' uma belleza moça, clara, cheia de pontos de exclamação, talvez ingenua, que olha a vida com a graça das pessoas que o Destino acalentou sempre com bondade, escondendo as coisas más que não valem a pena, para que?

Seria malvadez sujar de lagrimas os olhos que reflectem a alegria das coisas felizes...

Mas o nosso senso commum demolidor de illusões gosta ás vezes de dar conselhos com impertinencia; não creia, creança louca, na veracidade das lendas...

Até o rei Carol desistiu de ser o ultimo romantico...

E a vida continuou, mais banal, menos interessante, para uns, mais interessante, menos banal para outros...

Vieram coisas que não existiam e outras desappareceram.. Ninguem protestou, ou os protestos inuteis morreram abafados entre os ruidos vertiginosos do mundo novo...

Ninguem teve saudade, porque até ter saudade passou de moda.

Por isto, no "Meu Camafeu", Didi prefere o silencio sem historia de sua joia antiga talvez á lembrança importuna de um passado irremediavelmente desapparecido...

Todas as moças têm o defeito dos seus sonhos.

Umas sonham de noite, dormindo, outras acordadas, o que é um mau habito.

Didi preferiu sonhar por escripto.

Mas sem defeitos.

Deu á gente contos bonitos, paginas de emoção clara, conjuncto de illusões que são mentiras estylisadas...

O livro é bonitissimo.

Materialmente tambem. Edição luxuosa de Paulo, Pongetti & Cia. com as illustrações que J. Carlos e Móra sabem fazer.

Mas a illustração mais bonita é o retrato da autora.

A nota sensacional desta semana foi a descoberta de uma nova estatua no Corcovado, esta natural, talhada pela propria natureza na pedra bruta.

A reportagem notavel do "PARA TODOS.." ou antes de Correia Dias e Carlos Lacerda, aquelle um pintor conhecido e admirado, este um jornalista novo e interessantissimo, despertou uma grande curiosidade no publico carioca e mesmo em todo o Brasil e decerto tambem no estrangeiro.

Correia Dias pintou em quadro magistral do "Indio" que despresou a arte ephemera dos esculptores para se plantar na encosta do monte onde domina o Christo Redemptor.

Esse quadro foi exposto numa linda vitrine da cidade: na "Loja dos Sons", sita á Avenida Rio Branco, 128 esquina de 7 de Setembro, a conhecida casa de discos, vitrolas, electrolas, etc. de propriedade dos Srs. A. Barbosa & Cia. Ltda.

O povo parou em frente á elegante vitrine da mais linda casa de discos do Rio de Janeiro, commentando, gostando, zombando, acreditando, achando graça...

O leitor de "PARA TODOS..." terá neste numero uma idéa do que é o novo inquilino do Corcovado.

E se não acreditar, nem mesmo nas photographias, e quizer ter uma idéa melhor, tome esta resolução muito simples: vá ver...

E por falar em discos...

Antigamente, as modinhas populares eram todas musica só. As letras eram apenas um pretexto para os sons.

Agora mudou.

Hermes Fontes escreveu o "Luar de Paquetá". Olegario Marianno, Oswaldo Santiago, Joubert de Carvalho escrevem letras de modinhas.

Orestes Barbosa, que o jornalismo roubou á poesia, acaba de me offerecer um lindo disco, "Sergipana", cuja letra está cheia daquella emoção tão encantadora de "Agua Marinha" e "Penumbra Sagrada", os seus livros de versos...

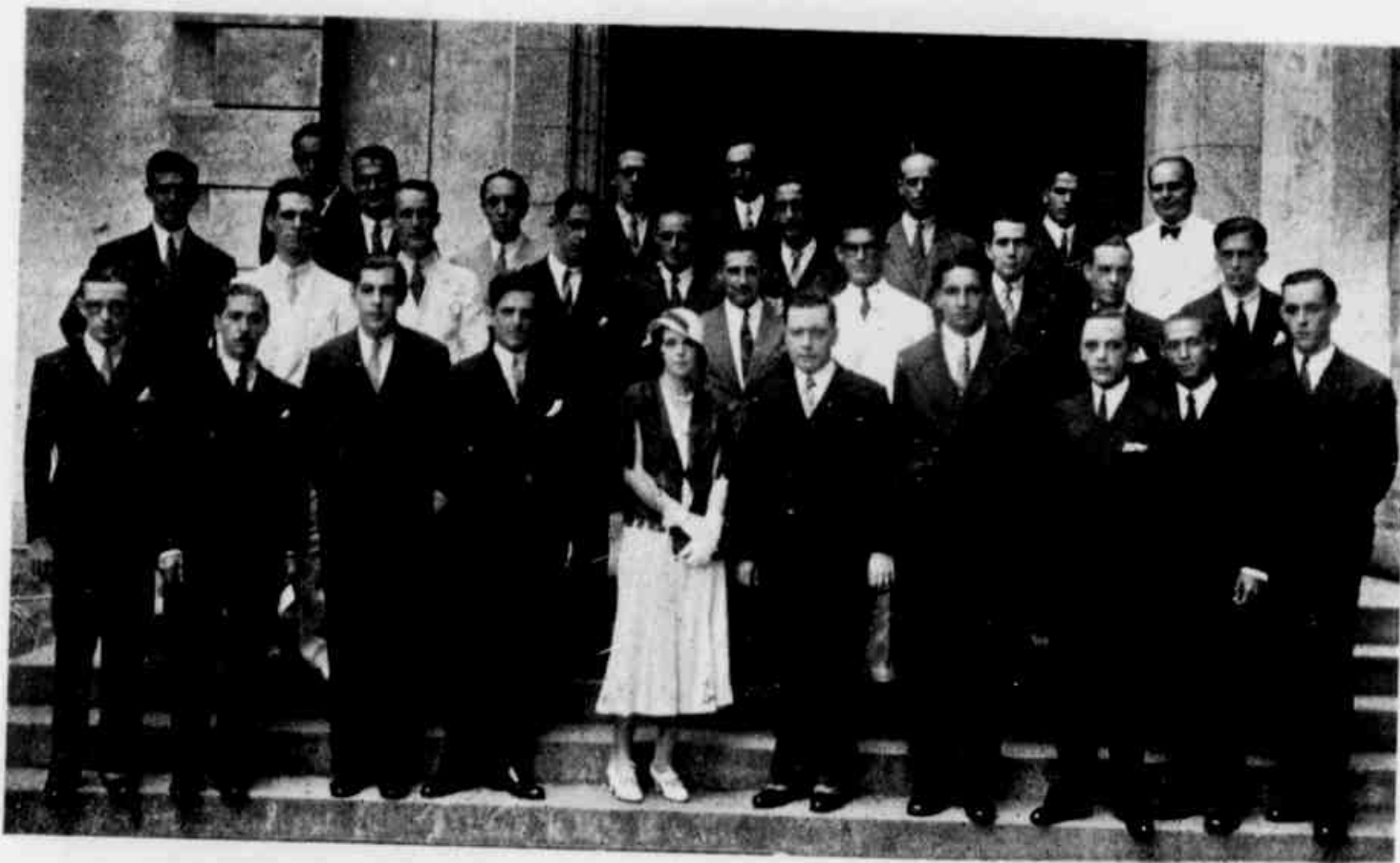
PARA as leitoras de **"Na Cidade"**, uma noticia em primeira mão:

Dante Costa, o chronista que vocês todas admiram, vae lançar brevemente um livro que vae ser um dos grandes casos do começo de 1932 nas livrarias: "Feira de emoções".

Festas de Natal

Em cima: distribuição de brinquedos ás creanças pobres, pela Senhora Getulio Vargas, no parque do Palacio do Cattete. No meio: tarde infantil no Automovel Club. Em baixo: no Club Naval.

FIM DE ANNO

Em cima: na Escola Naval quando foi a entrega das espadas a turma de 1930.

A' esquerda: os novos architectos da Escola de Bellas Artes, depois da missa que mandaram resar.

Descendencia

R. Magalhães Junior

a Paul Bopp

Antes de me casar com você,
Vou fazer uma confissão:
Eu não sou descendente do branco
Que descobriu o estreito de Magalhães.
Meus ancestraes foram os indios batorés
Da nação Tabajara,
Mascadores de mhapingui,
Bebedores de cauim no casco dos coités...

Essa cousa do sobrenome foi assimilação,
Só, nada mais.
O pae do pae do pae do meu avô
Foi o tenente Itaipú,
Interventor de Itaparica e adjacencias,
Que comeu, moqueada, a carne santa
Do exmo. sr. bispo d. Pero Fernandes Sardinha...
E depois foi demittido e fugiu p'ro Ceará
Que já acoitava valentão.

Exame pré-nupcial é tolice,
Só serve para atrapalhar.
Eu tenho sangue bom,
Sangue bom p'ra cruzar com o sangue
De uma garota como você...
(Se eu fosse passadista punha aqui
O vocabulo — "exangue" — p'ra rimar).
De uma garota como você,
Descendente de D. Nuno Alvares Pereira,
Por via de um fidalgo que morreu no degredo
Na Costa d'Africa
E bisneta de uma preta que foi princeza no Congo
E acabou lavando roupa na casa grande do Sinhô...

DIA DE ANNO BOM NO JAPÃO

POR
KIKOV
YAMATA

TRINTA e um de dezembro! Tokio não dorme esta noite e as fachadas das casas commerciaes conservam abertas as vitrines douradas até o amanhecer.

As bolas do taboleiro de calcular se entrechocam, ageis e musicaes sob os dedos do negociante que termina a sua receita. Nenhuma divida transpõe a hora nova do novo anno! Que cada um se apresse em contentar o credor.

Por uma noite Ginza, a grande arteria, vive como um boulevard. Os habitantes passeiam entre os pequenos mostruarios e os jovens se dão "rendez-vous."

Na aristocratica morada de linhas simples, de accesso calmo, a jovem patroa distribue as suas roupas com as empregadas. Amanhã, ella se vestirá de novo, como o anno de dias novos.

Ramos de pinhas ornam as "tokonoma", a estrada de bosques preciosos onde se colloca o objecto de arte e pende o "Kakémono."

Na cosinha se prepara o "zoni", a sopa tradicional onde inchará o cubo do bolo de arroz de felicitação e de offerenda.

Tres bolas dessa pasta se dispõem sobre um "tokonoma", com a laranja, a haste de alga e a folha de feto que trarão a felicidade.

Amanhã, desde as sete horas, os visitantes entregarão os seus cartões. Na porta, aberta de par em par, muitos sem se annunciarem, depositarão simplesmente o cartão na bandeja apropriada.

Outros, vestidos com sobre-casacas e jaquetas, ou com o manto pintado e as largas calças de seda que com o movimento dos passos fazem um sussurro, são recebidos com cerimonial. Trocam-se gestos de "saké" chamado "tosso" nesse dia. Os vegetaes aromaticos maceraram no vinho de arroz que sahe de um bule de longo bico, louro, saboroso, perfumado. Ovos de peixes fermentados, um atraz do outro, de casa em casa, convidam tão bem o visitante que este termina caminhando "como uma cercêta" ou "com os pés em cruz" e o rosto ' côr de cerejeira."

Nada mais alegre do que Tokio nesse dia com os seus personagens em grande uniforme desfilando pelo Palacio, a cavallo, de carro, de auto, ou na carruagem tradicional puxada á mão. As ruas tornam-se aléas de ramalhetes symetricos.

De cada lado das portas, um gracioso feixe de pinheiro, de bambú e de ameixeira. A arte do decorador soube talhar os bambús ainda verdes, e ligar com cordas os ramos duros de pinheiro e rodear os pés com areia clara.

Do alto dos portaes pende o papel de offerenda "Shinto", symbolo de pureza, a laranja resplandecente, a alga, o feto e a casca cosida de uma lagosta. Esse extranho ornamento significa votos de vida longa, tão longa que chegue a dar ás costas o arqueado do crustaceo!

E nas ruas transformadas em jardins, rapazes e moças divertem-se.

Armados de "raquettes" nas quaes personagens pintados lembram a historia ou a lenda, jogam uma peteca dura graciosamente empennachada, que descreve no ar em curvas encantadoras e resoa sobre a prancheta.

Todos com um traço de pintura ou de tinta da China no rosto! Quantos sorrisos e caretas e quantos gritos escapam como se, nesse dia, sejam permittidos muito mais ruidosos!

E nas casas, sobre as esteiras, uma ardente mistura ultrapassa a etiqueta. Tratase do jogo de cartas de cem poemas.

Alguem se mune do maço onde os dois primeiros versos de uma "tanka" ou quadra, contêm o enredo — em que o ouro e a côr se unem a flores e retratos.

O antigo poema sahe da bocca em vôo rapido, com asas vivas de andorinha que sobe e desce como um relampago.

Logo uma outra voz se precipita, apanha rapida as syllabas dos dois ultimos versos. As mãos batem, estendem a carta que completa a poesia classica. Mas já a psalmodia recomeça, lança outra andorinha, outra carta, e os jogadores se esquentam com rivalidades cerradas e sonoras.

"Como o ultimo dia do anno velho,
Ao Primeiro do novo,
Meu coração perto do teu coração."

O quarto REI

ISSO se passou entre o anno I antes da nossa éra e o anno I depois de J. C. o que equivale ao anno 0. Motocapac reinava então, nos confins do Norte e do Sul num paiz situado entre os dois Oceanos. Tinha como palacio uma pyramide de degráos, guarnecida de cobre por fóra, de ouro por dentro. Nella, o rei passava o tempo, quando não estava em guerra, bebendo chocolate em pequenas tijelas de barro, fumando num caniço folhas de fumo e de liquidambar, recebendo as preces dos seus subditos e comendo as primicias dos sacrificios humanos offerecidos aos idolos.

Subia todos os dias a um terraço, donde podia ver os picos nevosos da Cordilheira abraçados pelos vôos dos condores, florestas cheias de papagaios, o mar que parecia coberto por um véo de borboletas azues. Muitas vezes, elle se retardava; e, quando as flores do crepusculo murchavam, olhava a chuva das estrellas cadentes pular sobre a terra numa multidão de pyrilampos. Gostava tambem de observar o curso dos astros, ler nelles as chronicas do futuro e procurar os avisos dos deuses.

Uma noite, avistou, ao oeste, ao nivel das ondas, uma nova estrella. Brilhava com tamanho esplendor que enchia o horizonte de luz, como si o sol fosse voltar. Até de manhã o rei a observou; e o seu espanto crescia cada vez mais, pois, na vasta ronda das luzes do céo, só aquella não se mexia. Quando amanheceu, ella se apagou, no mesmo logar em que se illuminára.

E assim succedeu todas as noites. De tal forma que Motocapac convocou, para o palacio, os velhos, os ricos e os padres do reino. E lhes disse:

— Saibam. E' uma coisa que ultrapassa todos os prodigios e todos os presagios, em grandeza e em gravidade, o nascimento, hoje em dia, de uma estrella. Ora, crença verdadeira inscripta, em todos os tempos, nos annaes da minha dynastia diz que esse prodigio annuncia a vinda de um deus diante do qual todos os outros desapparecerão. E por isso resolvi levar-lhe a minha offerenda e pedir protecção.

Quando ficou só, pôz-se a meditar que presente escolheria para o novo deus. Pensou que, sem duvida, agradaria a elle uma coisa inutil, uma vez que o seu immenso poder impedia-o de ter necessidades. Queria que a sua offerenda contivesse tudo que alegra os homens quando, terminados os labores, pódem, por um instante, acreditar-se, elles proprios, deuses: a musica, as bellas cores, os movimentos vivos. E decidiu-se por um viveiro com passaros.

Mandou preparar especie de liteira com mastros dos quaes pendia a tela. Depois fez tirar das gaiolas do palacio os casaes mais bellos dentre as mais raras qualidades de araras, papagaios, colibris passaros escolhidos pela doçura do canto.

E partiu.

Levou com elle cem creados armados com arcos empennados, o corpo tatuado de toda sorte de imagens, com plumas na cabeça e tangas de conchas cujas combinações tinham um senso magico. A liteira foi pousada sobre o dorso de oito lamas brancos; e outros oito lamas semelhantes foram atrellados a duas estacas inclinadas cujas pontas roçavam no chão e que lhe serviam de carro.

Vestira um grande manto tecido com uma pennugem esmeralda, pintára o rosto com ocre vermelho, untára com oleo as grossas tranças, pondo á cabeça o casaco real feito de pennas de gavião, que começavam em aureola, prolongavam-se em nimbo e cahiam até o chão em duas asas brancas como neve que batiam com a marcha das parelhas. De sorte que se tomaria, elle tambem, por um gigantesco passaro conduzindo a sua ninhada.

Atravessou primeiro um povo abatido. Depois seguiu longas pistas, atravez de florestas onde os gatos bravos e os jaguares vinham saudal-o humildemente, emquanto que as serpentes ornavam os cipós de escorregadias girandolas e que os macacos, do alto dos galhos, atiravam-lhe flores.

Chegou, depois de alguns dias, a um planalto de onde podia ver uma grande extensão de mar. E como, todas as noites, a estrella apparecia do outro lado das aguas, elle se pôz a costeal-as, imaginando que assim as contornava.

Mas os dias e as luas passavam sem que a caminhada o levasse na direcção do astro.

Resolveu descer para a margem, esperando que algum recurso inesperado lhe permittisse transpôr as aguas.

Ganhou assim a extremidade vertiginosa de uma escarpada, coroada de florestas que rolavam como nuvens, sobre os flancos do rochedo cavado por abertura profunda. Via-se, bem em baixo, reflectir a meia lua de uma praia arenosa de conchas e de nacar.

As ondas vinham se espreguiçar, com uma musica que parecia sahir de dentro do precipicio.

Quando elle se approximou, encontrou-a coberta de cascas de tartaruga e de conchas tão grandes que as havia tomado por casas e barracas. O rei mandou que deitassem doze no mar. Numa elle collocou o viveiro; subiu para outra; as dez restantes conduziram o sequito. E, um vento favoravel levantando-se do fundo da bahia, todos os passaros abriram as asas, os cascos, os ornamentos e os mantos de pennas se incharam como velas e a frota fragil largou para o Occidente.

Um bafo, que soprava no sentido dos astros, polia a agua dia e noite; tinham guardado, para os passaros, provisão de grãos e de insectos; os homens comiam os peixes voadores que apanhavam e, todas as noites, a chuva enchia de agua doce o fundo dos esquifes.

A travessia foi tão longa que os viajantes esqueceram ha quantos annos ella durava. Um dia avistaram ao norte e ao meio dia dois pedaços de terra no horizonte. Pouco a pouco, iam se chegando uma á outra. E elles comprehenderam que estavam no golfo de um rio.

Encontraram então navios pintados de cinabre, equipados com velame de junco e cujas figuras de prôa vomitavam dragões. E, pouco depois, nas costas, distinguiram um povo anão que corria, dava grandes gritos e, para annunciar os viajantes, batiam em tambores de bronze, fazendo um barulho de tempestade. Uma maré amarella os empurrava, tão bem que, emfim, se acharam no caes, nos arrabaldes de uma cidade.

A cidade se elevava sobre o declive de collinas cobertas de arvores em flor e tão altas que pareciam suster, como columnas, a turqueza do céo. Era uma capital immensa, transbordando um formigamento de homens e de mulheres de rosto de lua e voz de flauta. Viam-se.

em todos os cantos, torres de porcellana com carrilhões que o vento fazia soar e pagodes defendidos por chiméras.

Todas as casas eram de charão com tectos de esmalte. E o rio formava milhares de braços que cercavam innumeras ilhas ligadas por pontes de jade.

Uma dellas reproduzia dois gryphos que mordiam as margens e encontravam as caudas numa tal altura que os navios mais orgulhosos podiam passar em baixo sem esbarrar com as bandeiras fluctuantes do grande mastro. Para lá a maré conduziu Motocapac.

Elle avistava, em cima do parapeito, um homem com dez chapéos em cone, assentado num carro com bufalos e que balançava a cabeça, desejando-lhe as boas-vindas com a mão direita illuminada pelo sol de um brilhante.

Em torno, sobre a ponte, nas ladeiras da cidade e até no cimo das collinas formigava e resoava o tumulto de uma multidão infinita, que agitava estandartes, sacudia no ar ramos de flores de papel, enchia peixes de tripa, empinava papagaios de papel e soprava conchas.

A' noite, os milhares de lanternas prolongaram o dia, emquanto que os fogos de artificio multiplicavam as estrellas. O Imperador da China, ao saber o projecto do rei, alegrou-se muito.

Elle lhe offerecêra um palacio, num jardim de mélias e de chorões, ornado de ilhas de onyx, de kiosques em crystal de rocha e de lagos povoados de

Por Jean Gallotti,

illustrações de René Benezech

peixes domesticos que usavam collares de rubi e brincos nas guelras.

Todos os dias o Imperador ia ver o rei naquelle recanto delicioso. E passavam o tempo ouvindo as andorinhas, bebendo chá emquanto assistiam partidas de xadrez vivas ou colhendo nenuphares em canoas puxadas por patos que pareciam topazios.

Um dia, o Imperador quiz, para mais honrar o hospede, offerecer-lhe um concerto dado por sua propria filha.

Motocapac viu chegar sete jovens princezas vestidas com as sete cores do arco-iris; traziam alaúdes de ebano e balançavam as cabeças carregadas, como corbeilles, de flores em ouro e de pedrarias.

Na frente dellas, a filha do rei, com um manto de seda negra bordado com passaros de Fô, magnificos como o faisão macho, os pés calçados com dedaes de prata, pousava a eglantina dos seus labios numa flauta de améthysta. O rosto parecia uma perola dourada pelos raios do luar e os olhos eram tão doces que o rei fremia dentro das suas pennas.

A princeza postou-se diante delle e começou esses versos:

La lampe d'argent laisse échapper une
[fumée bleue...
Je ne songerai aux routes qui m'attendent
Qu'à l'heure où il faudra nous séparer,
Quand les premières lueurs du jour éf-
[faceront la voie lactée...

Mas a voz desfalleceu e ella cahiu, rija, sobre o marmore onde a flauta se despedaçou.

Elle não tornou a vel-a. E, desde então, cada vez que um presente lhe era enviado do palacio imperial, leque, biombo, vaso ou perfumador, notava nelles o mesmo ornato. De tal forma que elle mandou chamar, para lhe explicar o sentido, o primeiro mandarim do Imperio.

Era um velho sorridente que ha muito passára dos cem annos, com uma barba que tocava o chão e unhas que se enrolavam como serpentes.

Quando elle viu o ornato, reconheceu os caracteres da escripta e mostrou-se tão perturbado que se ajoelhou logo e beijou as sandalias do rei. Depois murmurou: "Saúdo o futuro filho de Sua Magestade Celeste...", e retirou-se, de olhos baixos, caminhando de costas, sobre as mãos e os joelhos.

Então, Motocapac pôz-se a reflectir. Pensou no motivo da sua viagem, achava impossivel acceitar as propostas do Imperador e temia a sua colera se elle fugisse. Pensava tambem que não poderia fugir e, aliás, perseguia-o a imagem daquella que elle queria esquecer.

A noite surprehendeu-o mergulhado nessa irresolução. De repente abriu uma janella de papel e olhou para o poente. Lá estava a estrella. Brilhava com tamanho esplendor que a luz do sol e mesmo a pallidez do mais lindo rosto, o sorriso dos olhos mais amados lhe pareciam, junto della, sombra e fumaça.

Então, chamando os criados, mandou preparar, sem ruido, os lamas e os passaros. E, á meia-noite, elle sahiu.

Desceu uma escada de marmore esculpido com monstros e entrou nos jardins, que desciam até o rio. Em toda parte encontrava guardas e soldados. Mas o somno apoderára-se delles e dormiam, enroscados nos uniformes de bronze e nas armaduras de charão, semelhantes a escaravelhos mortos.

Chegando ao rio, encontrou-o gelado, pois principiava o inverno. Caminhou sobre o gelo e poude assim deixar a cidade sem passar pelas muralhas. E a sua fuga foi silenciosa como o vôo do "orfan" das neves.

A viagem foi difficil até a volta da primavéra. Quanto mais se afastavam do mar, mais augmentava o frio. E precisavam muitas vezes passar longos dias em grotas, alimentando-se com corvos mortos a flecha e, accommodados sobre raizes de "melèze".

Depois, bruscamente, o calor, a secca, os tormentos da areia. Grandes lamas com duas corcundas seguiam as pistas da caravana, com um barulho de borborygmos e de chocalhos. Um enxame de mosquitos subia dos pantanos, como uma evasão de vapor que precedesse a explosão da terra. O mundo parecia tão vasto e tão terrivel que as lagrimas seccadas ao vento cobriam com uma crosta de sal as faces de cobre do rei vermelho. Mas, todas as noites, retomava coragem vendo a estrella refrescar com a sua gotta limpida o céo ainda abrazado.

Um dia em que caminhava por um deserto illustrado de miragens, notou, no horizonte, turbilhões de poeira que pareciam avançar de frente, como as cohortes de um exercito. E, de repente, achou-se rodeado por um circulo de demonios.

Correndo sobre quatro pés rapidos, tinham o corpo duplo, o rabo cortado e longos braços que brandiam lanças, "casse-têtes", e arcos. Davam

(Termina...

PRIMAVERA ROMANA

POR GABRIEL FAURE

Illustrações DE PIERRE VIGNAL

PRAÇA SÃO PEDRO.

Si é preciso ver Veneza no outomno, quando os poentes de outubro incendeiam a laguna com os seus movediços clarões de purpura e ouro, si se deve ir a Florença no começo da primavera, quando a vegetação nova que cobre as collinas de Fiesole e de San Miniato lhe dá um escrinio de esmeralda, é pelo fim de maio que Roma se torna mais bella e que os seus verdadeiros amantes vão visital-a.

Uma luz resplandescente tomba do céo immutavelmente azul e banha os longinquos horizontes que ainda não se mostram velados pelas poeiras e pelas brumas do verão. Do Forum e do Palatino, invadidos pelas vegetações e pelas flores, sóbe uma alegria ao mesmo tempo grave e frivola. Certas manhãs em que o sol illumina os marmores e dilata as corolas, parece que, um enxame saltitante de divindades campestres toma posse desses logares outróra solemnes. Ao dobrar de cada rua, atraz de cada ruina, imaginamos encontral-as, com as nymphas da "Primavera" botticelliana. Junto de certos jardins, uma voluptuosidade ignorada enche o ar pesado do perfume das accacias e das rosas. Nas tardes, que a luz prolonga indefinidamente, os perfumes continuam delirantes. E, quando a noite cae, começa a magia dos vagalumes. Quem nunca errou atravez da campanha toscana ou romana, nas noites de fim de primavera, não pode conceber a seducção do espectaculo que Anatole France gostava de contemplar na via Appianna, em torno do tumulo de Caecilia Metella, onde os vagalumes dansam ha dois mil annos. Essa visão impressionou Ruskin tão fundamente que, nas ultimas horas da sua vida, ella ainda o encantava: "Como os vagalumes brilham! exclamava elle no seu leito de morte. Parecem parcellas de estrellas movendo-se atraz de petalas de purpura". Nas noites mais quentes e mais sombrias, essas faiscas animadas dardejam tão numerosas que o encruzamento do vôo luminoso produz, em cima do solo, redes de fogo. Extranha manifestação de amor! Nas noites romanas, nos bosques do Palatino, o arco inflammado dos vagalumes clama o mesmo desejo que o canto apaixonado dos rouxinóes.

E' nessa época que se sente na verdade o encanto de Roma, o seu encanto indefinivel que, ha muitos seculos, exalta e subjuga todas as naturezas ardentes que os accasos da vida ou a vontade de adquirir mais altas riquezas espirituaes, levam á Cidade Eterna. Muitos têm procurado descrever o mysterio desse encantamento, mas, I. I. Ampère, que foi um fervoroso devoto de Roma, explica muito bem a impossibilidade. "Roma não é uma cidade como as outras; ella tem uma seducção difficil de definir e que só pertence a ella. Aquelles que a experimentam se entendem por meias palavras; para os outros, é um enigma. Alguns confessam ingenuamente não comprehenderem a attracção mysteriosa que prende a uma cidade como a uma creatura; um maior numero exhibe a pretenção de sentir esse attractivo; mas os verdadeiros fieis reconhecem logo os falsos e sorriem ouvindo-os". Sorrimos, com effeito, discretamente, e sem nada dizer, como quando vemos um pretendido conhecedor de pintura se pasmar diante de uma copia má, ou quando algum, pensando falar de musica como verdadeiro musico, nos elogia o prologo dos "Palhaços" ou a meditação de "Thaïs"...

VIA APPIA

(Termina no fim do numero)

O AMOR MATERNO

— Que ha, minha velha, em que posso lhe servir?
— Sinhô sargente! queria vê o meu fio.
— Como é o seu filho?

— Como! O sinhô não conhece elle? E' o homem mais bonito do regimento.

— Espere um pouco, minha boa velha, vou lhe trazer o que temos de melhor aqui,

E vae buscar o tambor-mór, um homem de seis pés de altura.

— Isto, meu fio? O senhô não escutou! E' muito mais bonito que isto...

Veiu então o mestre de esgrima, um bello typo tambem, mas não obteve mais successo que os outros.

— E' talvez o coronel, eil-o que passa a cavallo.
— Ora essa! Já se vê que ainda não me comprehendeu.

De repente, a mãe extasiou-se:
— Oia! oia! o meu fio!
E cahiu nos braços...

...de um pobre recruta franzino e sem geito dentro da sua farda. O amor materno é sempre cego!!!

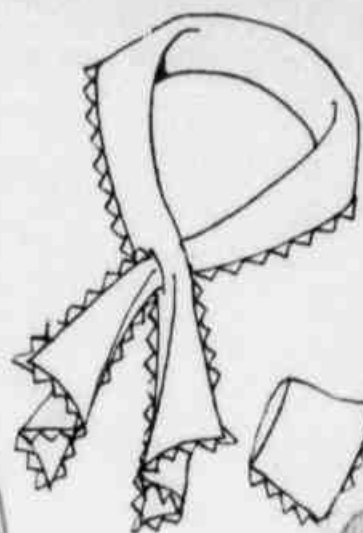
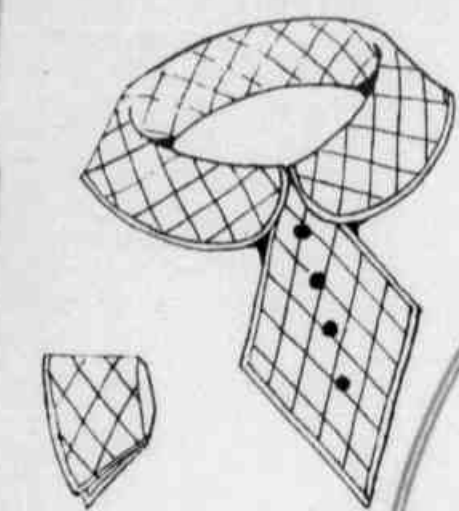
A MODA

A moda é um assumpto inexgottavel. Pensamos que já dissemos tudo, e, de repente vemos que deixámos de lado questões de uma importancia capital. Aliás, no que diz respeito á moda tudo é de uma importancia capital.

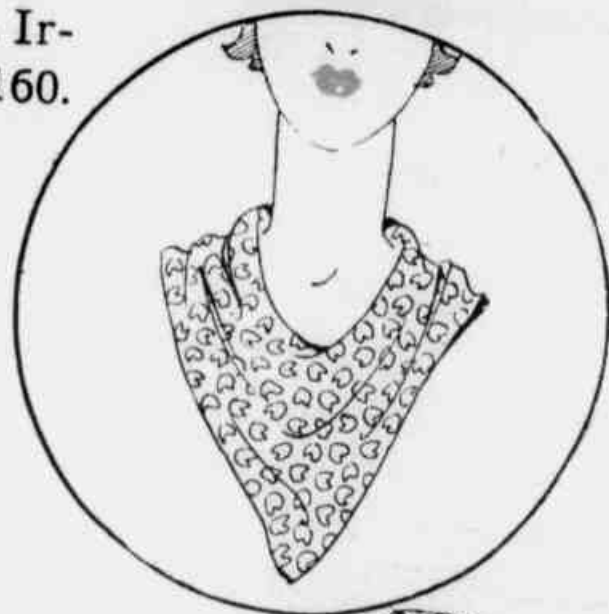
Falemos um pouco das blusas, guimpes, gollas, jabots, punhos, que tão grande papel representam neste momento.

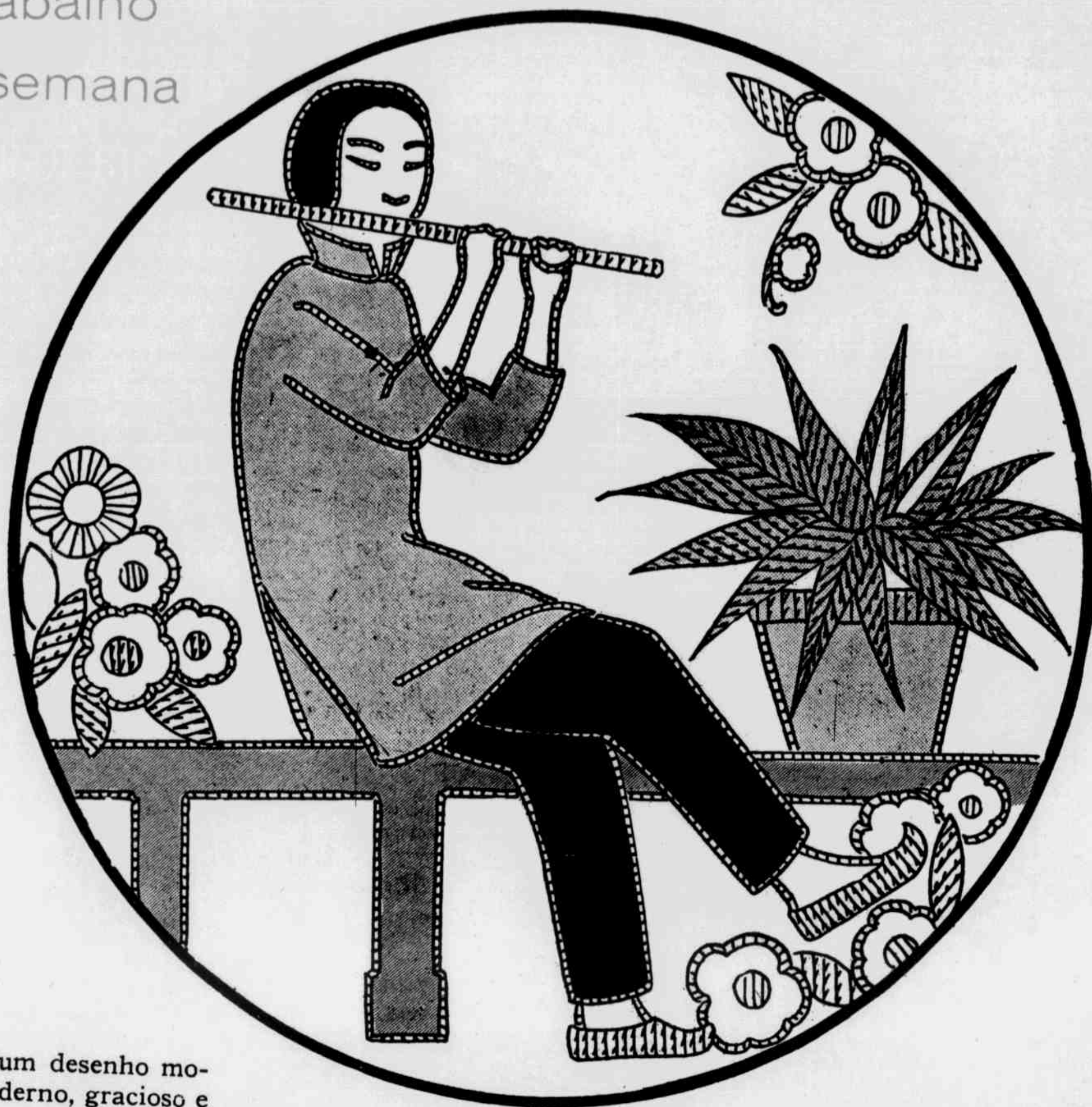
As blusas estão em moda. Sósinhas, ou acompanhando os tailleurs, ou as tres peças, mettidas dentro da saia, ou por cima desta, usamos sempre blusas. E devemos agradecer a S. M. a Moda...

Pois com uma saia preta, ou marinho, ou branca e dez blusas differentes, é exactamente como si tivessemos dez vestidos... E a hora actual nos manda ser praticas. Por dever ou por necessidade, sejamos praticas. E assim, os vestidos que não estão ainda demodés, que não devem ser abandonados, mas que foram muito usados e começamos a olhal-os com o mesmo ar com que olhamos as pessoas que, tres vezes seguidas, jantam em nossa casa... A polidez social luta com o cansaço... Os vestidos já vistos e que a sabedoria manda usar ainda, como ageital-os? com pequenos detalhes. Por um renovamento de guarnições. Os vestidos mais faceis de transformar são os que têm plastron. Porque sempre possuimos uma serie de plastrons. Mas acontece com todas uma coisa envenenante... E' sempre o plastron sujo que desejamos pôr e não o que está limpo, bem passado a ferro, novo. Porque "aquelle", o sujo é que dá sorte... Os jogos de gollas e punhos variam infinitamente o mesmo vestido. E a variedade desses enfeites é enorme. Fazem-se em renda, bordado inglez em seda ou em cambraia, organdi, cassa de pois, linon, crepe da China, crepe Georgette, fustão. As gollas, punhos e plastrons devem ser abotoa-

Vestido de Lenief em tussor de seda branca. O corpo todo bordado com ilhózes. Botões e cinto vermelhos. —Modelo de Chantal em crepe branco. Larga écharpe de crepe vermelho forrado de crepe rosa. — Muito original este de Schiaparelli em crepe da China vermelho com ilhózes brancos e crepe preto tambem com ilhózes brancos. — Tussor branco guarnecido de vermelho. E' de Bruyere.

dos nos vestidos para simplificar a mudança quasi que diaria.

Já que empregámos a expressão: sejamos praticas, terminaremos assignalando que as guarnições em lingerie e linon são mais elegantes e praticas do que qualquer outra em seda. Lavam-se facilmente e não ficam amarelladas.

* * *

Para confecção de qualquer modelo, procurem sedas nas Casas dos Tres Irmãos, Ouvidor, 134 e 160.

O trabalho da semana

É um desenho moderno, gracioso e de effeito muito decorativo. Realizado em applicação e bordado com linha ou seda, conforme os tecidos empregados, de tons vivos, ou mesmo pintado, este medalhão se presta para varios fins e póde ser utilisado de muitas maneiras, segundo o gosto pessoal. Um exemplo: almofada de setim ouro velho. Chineza com tunica de setim roxo forte, calças de setim preto. O banco em feltro vermelho vivo, o pote em feltro côr de ferrugem. As folhagens e as flores varios tons de verde. A cabelleira da chineza, em setim preto. A flauta, verde.

Na Embaixada Americana, durante a festa em beneficio do Patronato Operario da Gavea.

"Guerra aos Sinos"

O escriptor Bruno de Martino está dando os ultimos retoques nos originaes da sua nova obra — "Guerra aos Sinos". Logo que esteja inteiramente prompto o autor encaminhará o seu trabalho á "Coligação Nacional pró-Estado Leigo" e "Liga Anti-clerical", afim de merecer a licença para a sua publicação. "Guerra aos Sinos" destina-se a produzir um forte rumor no seio religioso e politico da nação devido á these que desenvolve desassombradamente. "Este livro — diz a sua introducção — foi pensado no trabalho das lavouras e feito á sombra dos cafezaes virentes, soffrendo o desamparo e a tortura do camponez patricio". Nos vinte e tres capitulos do livro, Bruno de Martino defende a massa trabalhadora do Brasil, escudado no ponto de vista de que a mesma se vê isolada e fraca mais pela distincção que os preconceitos religiosos estabelecem entre os homens do que mesmo pelo indifferentismo dos nossos legisladores e politicos. Aconselha novos rumos e meios de cura, em linguagem synthetica e clara.

Se brota das suas paginas alguma influencia socialista, é do socialismo moderno que no momento presente serve de maneira de governo á Hespanha e a outros paizes.

BRUNO DE MARTINO

Em baixo: manifestação das alumnas do maestro J. Octaviano ao seu professor.

Allô!
Bom dia...
E' "Para todos..."

Sim. Sou eu. Você que está me escutando, mulher ou homem, creatura de bom gosto, minha amiga, meu amigo, você vae me fazer o favor de dar mais cinco tostões todas as semanas por mim. Em vez de 1$, 1$500. Pelo seguinte: eu quéro augmentar o numero das minhas paginas, quéro fazer secções novas e ampliar as que já existem. Quéro conservar esta linha que é a razão por que você me quer bem. Eu não sou uma revista popular. Eu sou a revista das pessoas que sabem lêr e sabem vêr. Não ambiciono enriquecer. Ambiciono apenas continuar a viver para que o Brasil tenha alguma coisa neste genero, differente das outras coisas do mesmo genero... Sim? Muito obrigado.

Tapéra

Tapéra, viva lembrança
Em meio do descampado,
Nada que foi esperança,
Ponto final de um passado.

Moradia de outr'ora,
Abrigo de muitos sonhos,
Onde a saudade demóra
Nos quatro cantos tristonhos...

Paysagem fria, esquecida,
Ruinas crepusculando,
Cheias de morte na vida
Que aos poucos se vae findando...

C. TEIXEIRA MERCIO

PRIMAVÉRA ROMANA

(FIM)

Ninguem amou e comprehendeu Roma como Stendhal, porque elle tinha alma e a sensibilidade vibrante que permittem entender completamente a Italia. "As grandes e profundas paixões habitam Roma, declara elle... Roma é mais bella num dia de tempestade... Um homem moço que nunca encontrou a infelicidade não a comprehenderá... Roma é a cidade dos tumulos: a felicidade que se pode imaginar nella, é a felicidade sombria das paixões".

Festa infantil em casa do Dr. João B. de Sequeira no dia do anniversario do seu filhinho João Baptista.

Fritz

Plinio Mendes

"Para a saudade de uma mãe carinhosa".

Ha occasiões na nossa vida em que entram pela nossa casa raios de sol ou nevoas...

Hoje, claro e risonho domingo de verão carioca, tive eu a visita, a simples visita de um boneco de panno, FRITZ, cujo nome, germanicamente frio, não póde exprimir o calor da saudade que elle traz ao coração amargurado de uma mãe amorosa.

Nem o calor, nem a tristeza.

Nos seus olhos azues, tristonhos, na sua roupinha caracteristicamente allemã — jaqueta fraise e calças marrons —, nos seus sapatinhos de palha trançada, no seu todo de boneco de panno com expressões de gente, ha uma nostalgia que não se acredita, mas que, insensivelmente contamina!

E este boneco, como tantos outros que andam ahi pela existencia, tem a sua historia, uma destas historias curtas, simples, singelas, que a gente volta a contar para novamente soffrer!

Ha cicatrizes que renovamos por um destes egoismos inexplicaveis; o egoismo de querer muito e por isso mesmo relembrar sempre.

A historia de Fritz é dessas historias suaves, que a gente devia só dizer no concavo da orelha dos poucos que a podem entender...

A dona de FRITZ chamava-se Ruth, Nome curto como a existencia da propria pessoa que o trazia. Ruth era minha irmã, minha amiga, uma camelia branca e bella, pura e joven. Sua vida, feita toda da tranquillidade dos seus lindos dezoito annos e do encanto do unico amor que tivéra na Vida era, por bem dizer, "o mesmo manso lago azul" de que nos fala o poeta. E Fritz a acompanhava desde o dia que Ruth começou a amar. Viu tecer fio por fio, peça por peça carinhosamente, com reflexos de enthusiasmo no olhar vadio, o lindo enxoval da sua dona.

Mas, a insistencia da tristeza do seu olhar revelava, vaticinadoramente, o que iria acontecer.

No dia em que a mais linda noiva que eu vi, cruzou flores de laranjeira sobre a fronte alva e altiva, no mesmo quarto onde cahiam os presentes ricos dos parentes, no dia justamente em que Ruth se demonstrava mais alegre, Fritz ali se achava, olhando a tudo e a todos, com a mesma languidez no olhar, com as mesmas mãos cahidas ao longo do corpo, com o mesmo cache-col batido enrolado ao pescoço, mas, em tudo impassivelmente **"allemão"**.

Ruth, doce e suave na sua alegria infantil o abraçava ás vezes com frenesi, com essa alegria espontanea e natural de menina que deixára de ser madrinha de bonecas, para se casar!

Mui pouco durou essa alegria que estonteava Fritz, hoje orphão de tanto carinho, de tanto amor. Ruth adoece. Fritz atirado sobre uma cadeira como uma cousa inutil vê a sua amiguinha seguir na ambulancia. Ia para um hospital. Operada. Morre.

E depois?...

Depois, Fritz passou a viver no quarto de um viuvo. O que teria sido a sua vida ali? Insipida? Alegre? Interessante? Talvez.

Mas, ali, tudo recordava a sua morte e não valia a pena viver sinão em local que ella fosse lembrada, chorada, sempre.

Porque Fritz era sentimental, apesar de ser saxonio...

* * *

E Ruth morrera levando um outro bonequinho de carne que talvez fosse o melhor amiguinho delle...

* * *

Pobre e triste sina a deste boneco. Hoje entra elle pela minha casa a dentro. Uma irmã carinhosa vela porém pela integridade physica de Fritz porque os meus garotos o desejam para seus brincos...

Se ali, naquellas mãos juvenis ficasse o Fritz, em breve teriamos que vel-o orphão e... aleijado.

Qual a creança que se preza que não estraçalha logo um boneco? Poucas. Raras. Apontadas a dedo.

* * *

Acabemos. Tenho-te diante dos meus olhos, amigo Fritz. E' noite. Contemplas impassivel e fleugmaticamente as paginas brancas que eu vou enchendo de "garatujas" negras... Essas paginas fallam de ti e não comprehendes.

Entraste porém com o pé direito na casa da irmã de Ruth. Mas, mesmo assim a sorte teima em te ser adversa. Orphão de afagos, outros encontrarás, mas vieste, ai de ti!, para a casa de um Sonhador, e os teus olhos tristes mais entristecem as paginas que eu escrevo, os livros que eu leio!

Mas vieste assim mesmo da Allemanha como todo Fritz...

Quem ha que possa modificar a melancholia desses olhos azues, se, nem a passada alacridade de Ruth — flor entre as flores — mimo que Deus arrebatou da terra, póde com a sua suavidade modificar a eterna nostalgia que mora em teus olhos?

Senhoritas que tomaram parte na noite de arte com que foi encerrado o anno lectivo do Collegio Icarahy.